



imprimir

Imprimir | Tamanho do texto A- A+

14/09/2009 15:59

Mulheres ainda comandam pouco nos Estados, diz pesquisa

Pesquisa divulgada pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres mostra que apenas 16,48% das secretarias estaduais são chefiadas por mulheres

DANILO CASALETTI



COMANDO Pesquisa mostra uma tendência de se delegar às mulheres chefias relacionadas ao cuidado e à extensão da vida doméstica

Uma pesquisa divulgada pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) e pelo site Mulheres no Poder traz um panorama da presença das mulheres em cargos de chefia nos Governos Estaduais e no Distrito Federal. Das 528 secretarias estaduais, apenas 87 (16,48%) têm uma mulher no comando, enquanto 441 (83,52%) são chefiadas por homens. O estudo também revela que a maioria das secretárias ocupa pastas ligadas a Políticas Sociais (73,56%) o que, segundo a Secretaria para as Mulheres, demonstra uma tendência de se delegar às mulheres pastas relacionadas ao cuidado e à extensão da vida doméstica.

A região Norte apresenta o maior percentual de mulheres ocupando secretarias estaduais, 21,32%. O Pará, governado por uma mulher, Ana Julia (PT), tem a segunda melhor média nacional de mulheres secretárias entre os Estados, 27,27%. Para a subsecretária de articulação institucional da SPM, Sônia Malheiros, a região Norte ocupar o primeiro lugar no ranking mostra mudanças importantes no país. Para ela, as oligarquias estabelecidas na região estão, aos poucos, sendo desmontadas, o que abre brechas para que as mulheres ocupem cada vez mais espaço na sociedade.

A segunda região com mais mulheres em cargos de chefias de secretarias é a Centro-Oeste, que tem 17,65%. O Estado de Mato Grosso do Sul foi o que mais se aproximou da paridade entre mulheres e homens no primeiro escalão estadual, 45,45%. Também está na região Centro-Oeste o maior percentual de mulheres na administração de pastas relacionadas a Políticas Sociais, 83,33%, acima da média nacional, que é de 73,56%.

O Sudeste, terceiro no ranking nacional, com 16,87%, é a região que oferece uma diversidade maior nas áreas chefiadas por mulheres: Políticas Sociais, 64,28%; Administração e Economia, 28,57%; e outros, 7,14%. O Estado que oferece maiores oportunidades é o Rio de Janeiro, com 26,31%.

SAIBA MAIS

A região Nordeste aparece em quarto lugar, com 13,48% das secretarias comandadas por mulheres. Pernambuco é o Estado brasileiro como o menor percentual de secretárias do Brasil, 3,84%.

A região Sul ocupa a última posição com 12,7% de mulheres ocupando o primeiro escalão dos governos estaduais. O Paraná é onde se encontra o melhor desempenho da região, com 22,72% de secretárias estaduais.

Sônia, subsecretária da SPM, ressalta que, em todo o país, a presença de mulheres em cargos de chefias ainda é muito pequeno. "Com essa pesquisa queremos deixar explícito algo que o senso comum já sabe: as mulheres não têm acesso aos cargos de poder", diz Sônia. Ela ainda chama atenção para uma certa restrição nas áreas em que o sexo feminino tem se destacado, que se resumem à assistência social, medicina e educação.

"O grande embate para as mulheres, no século XXI, será reverter essa situação", afirma Sônia. Para ela, será necessário um conjunto de mudanças para que isso ocorra. A maior delas é a mudança cultural. "É preciso que se abra o espaço de poder e de decisão para as mulheres".

A presença das mulheres em outras áreas

O mesmo levantamento já havia sido feito no Poder Legislativo. As mulheres são apenas 10% na Câmara dos Deputados e no Senado. O número deixa o Brasil em décimo lugar no ranking elaborado pela União Interparlamentar (IUP). No mundo, a presença de mulheres nos Parlamentos não chega a 20%.

Já no Judiciário as mulheres são 30% na Magistratura, 19% no Conselho Nacional de Justiça e 14% nos Tribunais Superiores. No Supremo Tribunal Federal (STF) há duas mulheres e nove homens.

O site Mulheres no Poder também mostra que na área privada elas têm chances um pouco maiores de chefiarem uma empresa. O índice chega a quase 21%. O número está bem próximo do que acontece no restante do mundo, 24%.

Segundo Sônia Malheiros, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, a iniciativa privada, de certa forma, tem um gerenciamento mais individual de carreiras, o que acaba facilitando a presença da mulher em cargo de chefia. Já nos poderes públicos, mais uma vez a questão cultural é uma barreira para que isso aconteça. "É muito mais difícil quebrar essas estruturas mais tradicionais", diz.

Fechar